

Tradições discursivas
faces e interfaces da historicidade
da língua e do texto



LaborHistórico

Volume 4 - Número 1 - jan./jun. 2018

Sumário

Apresentação	10
---------------------	----

Cleber Alves de Ataíde
Valéria Severina Gomes

Dossiê Temático

La relación entre tradiciones discursivas y la dinámica de variedades de lengua	13
--	----

Alfonso Gallegos Shibya

A adjetivação como marca de tradição discursiva do editorial de <i>O Mossoroense</i>	31
---	----

Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças

Tradições discursivas: conceitos e métodos para a análise diacrônica de gêneros	41
--	----

Jorge Luis Queiroz Carvalho
Aurea Zavam

Variação e Tradição: uma análise do <i>Tu</i> e <i>Você</i> na posição de sujeito em cartas de pernambucanos (1860-1989)	55
---	----

Elizabhatt Christina Cavalcante da Costa
Valéria Severina Gomes
Cláudia Roberta Tavares Silva

Por uma filologia do discurso: latinidade, ethos, tradições discursivas e um exercício analítico transdisciplinar	72
--	----

Lucineudo Machado Irineu

Polifonia e modalização na tradição discursiva “aviso de cobrança” nos jornais do século XIX	85
---	----

Roseane Batista Feitosa Nicolau

Varia

**A expressão da posse na terceira pessoa em cartas escritas por homens brasileiros:
uma análise diacrônica e histórica** 100

Elaine Alves Santos Melo

Janaína Pedreira Fernandes Sousa

Luan Alves Alonso Martins

As estruturas clivadas do galego 116

Xavier Frias Conde

Resenhas

**RACHI, S. *Por mãos alheias: usos da escrita na sociedade colonial.*
Belo Horizonte: Editora PUC MINAS, 2016. 399 p.** 126

Marcus Vinícius Pereira das Dores

Varição e Tradição: uma análise do *Tu* e *Você* na posição de sujeito em cartas de pernambucanos (1860-1989)

Variation and Tradition: an analysis of Tu (You) and Você (You) in the subject position of letters from Pernambuco (1860-1989)

Recebido em 02 de fevereiro de 2018. | Aprovado em 03 de abril de 2018.

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i1.17490>

Elizabhatt Christina Cavalcante da Costa¹

Valéria Severina Gomes²

Cláudia Roberta Tavares Silva³

Resumo: A presente pesquisa pretende analisar a variação das formas de tratamento *Tu* e *Você* em 189 cartas de pernambucanos dos seguintes subgêneros: amor, amigo e família, compreendidas nos séculos XIX e XX (1860-1989). Para tal, apoia-se na perspectiva da linguística sócio-histórica do Português brasileiro e nas Tradições Discursivas (KOCH; OESTERREICHER, 2006). Nesse sentido, através da variação no emprego de *Tu* e *Você* e de marcas de TD presentes na composicionalidade das cartas pessoais de missivistas ilustres e não-ilustres, investiga-se o comportamento pronominal das formas de tratamento do paradigma de 2ª pessoa na posição nominativa considerando as ocorrências de variação e de tradição na natureza das correspondências. A pesquisa aporta-se na perspectiva teórico-metodológica quantitativa (LABOV, 1972 [2008]) para a análise dos dados de Pernambuco (PE) e na qualitativa para averiguar os fatores sociopragmáticos (CONDE SILVESTRE, 2007; BROWN; GILMAN, 1960) que motivam a variação. Para isso, consideraram-se na análise os seguintes contextos na posição de sujeito: I. *Tu*-exclusivo; II. *Você*-exclusivo; III. a variação (*Tu~Você*). Diante da análise dos dados, verificaram-se: a) o emprego pronominal que remete às TD na composição das cartas pessoais; b) o uso predominante das formas *Tu* ou *Você* exclusivos em cartas de escreventes ilustres sobretudo entre as décadas de 1880 a 1930, e c) a variação *Tu~Você* foi mais produtiva em cartas da segunda metade do século XX, principalmente, em missivas de escreventes em relação simétrica.

Palavras-chave: Formas de tratamento; Cartas pessoais; Variação; Tradições discursivas; Sócio-história.

Abstract: The current research intends to analyze the variation of the forms of treatment *Tu* and *Você* in 189 letters which belong to native people from the State of Pernambuco in the following subgenres: love, friendship and family, which were written in the nineteenth and twentieth centuries (1860-1989). For this, it is based on the perspective of the socio-historical linguistics of Brazilian Portuguese and Discursive Traditions (KOCH; OESTERREICHER, 2006). Therefore, through the variation in the use of *Tu* and *Você* and also through DT marks existents in the composition of these personal letters of illustrious and non-illustrious writers, it is investigated the pronominal behavior of the forms of treatment of the 2nd person paradigm in the nominative position,

¹ Mestranda em Linguística da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/ PPGL. Graduada em Letras português e espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Atualmente, pesquisa e atua na área de Linguística sócio-histórica, com interface entre os campos da variação e da morfossintaxe. elizabhattcosta@hotmail.com.

² Professora Pós-Doutora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pós-doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professora Associada 1 da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e colaboradora do ProfLetras da Universidade de Pernambuco (UPE). Atua na área de Linguística de Texto, Linguística Aplicada e Linguística Sócio-histórica. lavlavsg@gmail.com.

³ Professora Pós-Doutora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Graduada em Letras e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, e pós-doutora em Linguística pela Universidade de Lisboa. Atualmente, é professora Associada 2 da Universidade Federal Rural de Pernambuco e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, atuando em Teoria e Análise Linguística nos campos da morfossintaxe, da variação e do contato linguístico. claudiarobertats@gmail.com.

considering the occurrences of variation and tradition in the nature of each correspondence. The research is carried out in the quantitative theoretical-methodological perspective (LABOV, 1972 [2008]) for the analysis of Pernambuco (PE) data and the qualitative one to ascertain the socio-pragmatic factors (CONDE SILVESTRE, 2007; BROWN; GILMAN, 1960), that motivate the variation. For this, the following contexts in the subject position were considered in the analysis: I. Exclusive-Tu; II. Exclusive-Você; III.variation (*Tu ~Você*). Before analyzing the data, it was verified: a) the pronominal use that refers to DT in the composition of personal letters; b) the predominant use of Exclusive-Tu or Você (You) forms in letters of illustrious writers, especially between the 1880s and 1930s; c) the variation *Tu~Você* were more productive in letters from the second half of the twentieth century, especially in scribes' missives in symmetrical relationship.

Keywords: Forms of address; Personal letters; Variation; Discursive traditions; Socio-history.

Considerações iniciais

“[...] Apontas-me, como crime, a minha mistura do “você” com “tu” na mesma carta e às vezes no mesmo período. Bem sei que a Gramática sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais cômodo, mais lépido, mais saído – e, portanto, sebo para a coitadinha. [...] Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão – como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz – e como não faz o Macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramática como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o nosso dever é fazer o contrário.” – Trecho da carta de Monteiro Lobato destinada ao amigo Godofredo Rangel. São Paulo, 07/11/1904⁴.

O português herdou as duas formas de tratamento do latim usadas para referenciar a segunda pessoa do discurso: o *Tu*, para estabelecer a intimidade com o interlocutor; e o *Vós*, que tinha função comunicativa de cortesia. A partir do século XV, o pronome *Vós*, que era preferencialmente usado pela corte portuguesa, passa a ser empregado com menos frequência, e, logo, a corte começa a usar formas nominais de tratamento. Desse modo, a forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* dissemina-se pela nobreza e burguesia como expressão de tratamento formal, diferente do *Tu*, empregado como informal, na intimidade (RUMEU, 2013). Ao longo do tempo e com sucessivas transformações sociais, o *Vossa Mercê* evoluiu através de mudanças fonéticas e semânticas, até se tornar o pronome de terceira pessoa, *Você*. Rumeu (2004) aponta que, ao guardar resquícios do pronome de tratamento *Vossa Mercê*, *Você*, no Brasil, entre os séculos XVIII e XIX, está presente em cartas oficiais e não-oficiais em um estágio intermediário de mudança no sistema pronominal e, muitas vezes, ainda se encontra a forma *Vossa Mercê*. Esta, por sua vez, já é considerada, desde a época, semântica e referencialmente arcaica, presente, algumas vezes, em construções formulaicas próprias da natureza dos textos.

Atualmente, a partir do processo de gramaticalização⁵, observa-se que o *Você* se inseriu de maneira definitiva no quadro pronominal brasileiro; no uso, passou a alternar com a forma pronominal de segunda pessoa, *Tu* – usado na intimidade. Nesse sentido, Gomes (2014) afirma que, em cartas pernambucanas, há o registro de que a gramaticalização do *Você* começa a se estabelecer na posição de sujeito em fins do século XIX, ocupando e concorrendo o lugar de *Tu* e, por isso, neste artigo, optou-se pelo recorte dos séculos XIX (em particular, a segunda metade) e XX (primeira e segunda metade). Evidências empíricas do *corpus* desta pesquisa apresentam essa coocorrência nos séculos estudados:

Século XIX:

- (1) a. Ø Deste-nos uma agravabilíssima notícia [...] (Carta AO 2, 2/07/1894, carta de amigo de Phaelante para Arthur Orlando).
b. é possível que **você** não tenha recebido tenho cumprido a sua ordem [...] (Carta AO 8, 22/06/1896, carta de família de Izabel Maria Fragoso para a filha Maria Fragoso Orlando da Silva).

Século XX:

- (2) a. Fallou em casos vários de cousa semelhante ao que **tu** tens sem lesão e curavel com exercícios [...] (MB 15, de 16/12/1926, de Manoel Borba para a filha Ignes).
b. **Voce** não ia de acreditar, e entretanto é a verdade, que eu agora ando mais quebrado do que sempre andei[...] (MB 1, 10/12/1916, de Manoel Borba para o amigo Antônio Correia).

⁴ Trecho da carta de Monteiro Lobato destinada ao amigo Godofredo Rangel. São Paulo, 07/11/1904. In *A Barca de Gleyre* (1944).

⁵ De acordo com Martelotta (2011, p. 92), a gramaticalização é “[...] definida como um processo de mudança linguística unidirecional [que caminha do discurso para a gramática], segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

A análise aqui proposta parte do pressuposto abordado em estudos anteriores como Lopes (2011) e Gomes e Lopes (2016)⁶, ao afirmarem que a forma *Você* adquiriu maior uso nas escolhas linguísticas dos interlocutores para representar o grau de intimidade em suas relações interpessoais. De igual modo, os estudos de Rumeu (2004, 2013) apontam que a relação de intimidade facilitou a inserção dessa forma de tratamento na posição de sujeito, variando, assim, a relação da forma tratamental *Você* com o paradigma de *Tu*. Ademais, os estudos de Gomes (2014) e Lopes (2008; 2011) constataram indícios de que o não preenchimento da posição de sujeito pelo pronome-sujeito *Tu* nas cartas pessoais (observado, aqui, sobretudo em missivas de escreventes ilustres) facilitou a inserção, no discurso, da forma tratamental *Você* nessa posição.

Partindo da hipótese de Duarte (1995; 2003), ao dizer que o PB está em um processo de mudança do sujeito pronominal referencial e essa mudança pode estar relacionada à redução do paradigma flexional devido à inserção das formas tratamentais na posição de sujeito, objetivava-se observar nos dados de Pernambuco como a forma pronominal *Você* passa a ocupar a ambientação sintática do pronome-sujeito *Tu*. Assim, buscou-se analisar quantitativa e qualitativamente a variação do uso das formas de tratamento *Tu* e *Você* em 189 cartas pessoais escritas por pernambucanos, tomando por base três subgêneros: carta de família, carta de amigo e carta de amor. Portanto, sob a perspectiva teórico-metodológica quantitativa laboviana (LABOV, 1972 [2008]), foi selecionada a variável dependente a realização ou não de *Tu* e *Você* na posição de sujeito. Além disso, consideraram-se as motivações sociopragmáticas, isto é, as relações entre os interlocutores e o uso da língua, visualizadas a partir das marcas linguísticas desse tipo de tradição missivista, podem evidenciar os seus modos tradicionais de dizer, como também implicar na variação pronominal do paradigma de segunda pessoa.

Consideraram-se, então, para esta análise três aspectos: a relevância do conceito de Tradições Discursivas (TD) dos precursores Koch e Oesterreicher (2006) que abarcam a tradição e a atualização do texto e da língua para analisar o gênero carta pessoal; a teoria de *Poder & Solidariedade* desenvolvida por Brown e Gilman (1960), com o intuito de observar as marcas linguísticas e os papéis sociais que possivelmente contribuem no uso variado do *Tu~Você*; e, por fim, os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística (LABOV, 1972 [2008]), objetivando contribuir com a interpretação dos dados.

Por conseguinte, para o desenvolvimento da análise, optou-se pela constituição do artigo em quatro seções: na seção 1, intitulada *Tradições Discursivas e a composicionalidade da carta pessoal*, abarcam-se o conceito de TD e a relevância do *corpus* diacrônico para os estudos da língua e do texto e as marcas linguísticas que remetem às TD; na seção 2, centra-se a atenção na análise do uso das formas *Tu* e *Você* na posição de sujeito, tomando por base a realização e a não-realização fonética⁷ dessas formas tratamentais na posição de sujeito, nas cartas pessoais selecionadas; e, por fim, a última seção diz respeito às considerações finais em que são apresentados os principais resultados obtidos e a prospecção da pesquisa sobre a variação pronominal na TD carta, tomando por base dados de Pernambuco para a configuração atual do mapeamento sobre essa variação no português brasileiro (PB).

1. Tradições discursivas e a composicionalidade da carta pessoal

A concepção histórica e dinâmica da língua foi fundamental para os estudos sociolinguísticos desenvolvidos por Labov (1972 [2008]), tendo em vista que a Teoria da Variação compreende a língua como um fato social cuja heterogeneidade é inerente ao seu sistema e é definidor, por exemplo, na identificação de preferências linguísticas que demarcam os usos de diferentes grupos sociais de uma mesma comunidade. Nesse sentido, é necessário considerar, na pesquisa sobre variação linguística, fatores internos e externos ao sistema, levando em conta os contextos reais de uso da língua.

Ademais, a partir das ideias de Coseriu (1979) sobre mudança linguística e, aliando-se a Sociolinguística e a Pragmática à Linguística do Texto, o conceito de TD surge sob a égide da Filologia Românica alemã com Koch e Oesterreicher como precursores dessa perspectiva de análise. Parte-se do entendimento de que a língua(gem) se renova dinamicamente ao longo do tempo, em diferentes esferas sociais, materializando-se em textos orais e escritos que também se transformam ao longo do tempo.

⁶ O presente artigo dá continuidade à abordagem feita por Gomes e Lopes (2016), após a ampliação do *corpus* de Pernambuco, no intuito de agregar os resultados às pesquisas de âmbito nacional do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

⁷ Neste artigo, adotaremos a terminologia *sujeitos plenos* e *sujeitos nulos* amplamente adotada na literatura gerativista para nos referirmos, respectivamente, aos sujeitos realizados e não-realizados foneticamente.

Dessa maneira, estudos atuais têm buscado aliar as investigações sobre mudança e variação linguística às TD. Gomes e Lopes (2016), por exemplo, investigam quais são os principais fatores sociopragmáticos motivadores da variação pronominal no PB e, para isso, observam as escolhas linguísticas dos escreventes ou falantes e a estrutura composicional dos gêneros que evocam certas tradições no discurso.

Ao buscar construir um conceito para a TD, Koch e Oesterreicher (2006) reveem os três níveis da língua – o universal, o individual e o histórico – destacados por Coseriu (1979, p. 269) em seus estudos sobre norma e sistema linguístico ao afirmar que “a linguagem é uma atividade humana universal que se realiza individualmente, mas sempre seguindo técnicas historicamente determinadas [...]”. Logo, a partir dos estudos de Coseriu (1979) e dos trabalhos de sua discípula – Schlieben-Lange (1993) – que defende a diferença entre a história dos textos e a história da língua, Koch e Oesterreicher (2006) reduplicam o nível histórico e distinguem dentro desse nível o domínio da língua histórica particular e o domínio da tradição dos textos. Dessa maneira, uma finalidade comunicativa perpassa dois filtros: o sistema e a norma da língua (línguas históricas) e as TD, resultando, portanto, no ato comunicativo.

Para Longhin-Thomazi (2014), ao definir as TD, deve-se salientar que o termo *Tradições* está diretamente relacionado à historicidade dos textos, das fórmulas e das expressões tradicionais que caracterizam gêneros institucionalizados e atos de falas. Já a expressão *Discursiva* qualifica a tradição como tradição linguística, dentro do discurso, da intencionalidade do dizer, corroborando o que Kabatek (2006) afirma sobre a conceituação das TD que abarca todo tipo de tradição do falar, e isso inclui também um conjunto de tradição interna a um gênero.

Portanto, pode-se perceber que há dimensões de TD que vão desde os elementos constitutivos de um texto ao gênero como um todo. Sendo assim, nesta pesquisa, assume-se o seguinte conceito de TD elaborado por Kabatek (2006, p. 59):

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire o valor de signo próprio (é, portanto, significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de comunicação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

No que diz respeito à historicidade da língua, compreende-se que as línguas históricas abarcam as técnicas do sistema e da norma, pois, segundo Coseriu (1979), o sistema abrange as possibilidades, as diretrizes e os limites funcionais de realização, ou seja, são as possibilidades léxico-gramaticais de uma língua. Já as normas abarcam tudo que é estabelecido e é comum no que é linguístico e efetivamente utilizado.

Portanto, é necessário afirmar que o sujeito participa da construção e (re)construção da língua a partir da apropriação e do uso dos signos linguísticos. Para Kabatek (1996, p. 20), “a língua é algo que se cria e recria continuamente no falar”, ou seja, a historicidade da língua faz parte e é a própria historicidade do homem social. É relevante destacar que se entende aqui como social o afirmado por Longhin-Thomazi (2014, p. 19):

[...] entendendo social aqui não apenas em termos da coletividade das classes sociais, mas, sobretudo, em termos dos papéis sociais assumidos e das relações sociais entre o eu e outro que, juntamente com as finalidades comunicativas e demais condições de produção, determinam o que dizer e como dizer, produzindo sentido.

Em contrapartida, a historicidade do texto corresponde a um conjunto de textos arquivados na memória cultural de uma determinada comunidade, textos estes já ditos e já escritos, formando, assim, arquétipos tradicionais. Esses são evocados por meio de repetições sejam de formas ou de conteúdo. Desse modo, para Longhin-Thomazi (2014, p. 22), “é a relação de tradição entre os textos que torna legítimo o conceito de TD”. Logo, pode-se afirmar que a repetição é o que define a historicidade e a tradicionalidade do texto e da língua, fazendo com que, em um dado evento comunicativo, haja um encontro entre o inédito e o já dado, assim, um texto se relaciona com outro texto enunciado anteriormente, repetindo e evocando tradições.

É nesse sentido que a carta pessoal se torna fundamental para os estudos sobre variação e mudança sob a ótica das TD, pois, por ser um documento histórico e por possuir um caráter íntimo e espontâneo, conhece-se o

escrevente, seu contexto de vivência, podendo situá-la no espaço (local) e no tempo (data); e, sobretudo, conhecer as escolhas/estratégias linguísticas, que podem dar pistas sobre o perfil social e sobre as relações sociais simétricas/assimétricas entre os escreventes (GOMES, 2014). Sobre isso, Costa (2012, p. 145) afirma que “[...] é o relacionamento entre os interlocutores que define o espaço que uma determinada carta pessoal poderá ocupar entre os diversos agrupamentos de cartas pessoais”.

Diante disso, o material selecionado para a construção do *corpus* desta pesquisa constitui-se de 189 cartas pessoais pernambucanas, compreendidas no período de 1860 a 1989 (séculos XIX e XX), que se encontram divididas nos seguintes subgêneros de missivistas ilustres e não-ilustres: 92 cartas de família, 41 cartas de amigo e 56 cartas de amor. Essa amostra totalizou aproximadamente 49.500 palavras. Essas cartas pertencem aos acervos de 14 grupos de escreventes e foram coletadas a partir de doações voluntárias de familiares de escreventes e na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

Salienta-se ainda que foi realizada uma ampla descrição do perfil dos escreventes. Dentre esses perfis, há cartas de escreventes ilustres e não-ilustres, com alto e baixo grau de escolaridade, a saber: a) **Arthur Orlando** – político e jornalista – cartas de família e amigos correspondidas entre o período de 1894-1929; b) **José Mariano** – líder abolicionista, político e jornalista – cartas de amigo e de família datadas entre 1869 a 1900; c) **Joaquim Nabuco** – político, diplomata, jornalista e jurista – cartas de amigos do período de 1872-1909.; d) **Arnaldo Guedes** – casado com Ermindia Petronila de Melo Mariz – cartas de amigos com alto grau de escolarização datadas de 1922-1930; e) **Ascenso Ferreira** – poeta – carta de amigo de 1962; f) **Gilberto Freyre** – sociólogo e escritor – cartas de família e de amigo do período de 1939-1969; g) **Manoel Borba** – promotor, político e industrial – cartas de amigo e de família do período de 1923-1924; h) **Mário Sette** – escritor e professor de Filosofia – cartas de amigo e de família do período de 1905-1937; i) **Nelson Ferreira** – compositor e maestro – cartas de amor e de amigos de 1925 e 1963; j) **Valdemar de Oliveira** – médico, escritor, teatrólogo e compositor – cartas de família do período de 1907 a 1917; l) **Carlos Alberto Menezes** – engenheiro civil e líder católico – cartas de amigo e de família do período de 1901-1904; m) **Breno Braga** – major do Exército brasileiro – cartas de família do período de 1941 a 1948; n) **Casal J. & N.**⁸ – escreventes não-ilustres – cartas de amor trocadas entre os dois escreventes. No acervo ainda constam cartas de um sobrinho **S.** – escrevente com baixa escolaridade – a um tio abreviado como **J.**⁹, datadas no período de 1980 a 1989.

Assim, através da comparação e análise das 189 cartas do *corpus*, dos séculos XIX e XX, percebeu-se que a maioria delas seguia o seguinte formato composicional que retoma a um conjunto de tradições internas ao gênero, sejam elas de amor, amigo ou família, conforme apresentado na tabela a seguir:

Tradições da carta pessoal	Carta de família – José Mariano (século XIX)	Carta de família – Breno Braga (Século XX)
Local e data	Recife 27 de Abril de 1869	Recife, 11 ^o 1947
Saudação (<i>salutatio</i>)	Mio querido Pae – deixe-me sua benção.	Mamãe Abenção
Captação da benevolência (<i>captatio benevolentiae</i>)	Recebi a carta de <i>Vosmecê</i> com Data de 25 do corrente e fico inteirado de tudo <i>quanto</i> nella Vosmecê me n@adou diser.	Recebi sua carta do dia 24 de Julho. Fico contente em saber que todos dahi estão bons.
Texto (<i>narratio</i>)	A respeito do telegramma eu soube porque o Gaspar me disse e eu já escrevi a Vosmecê nesse sentido; entretanto cumpre diser que o Guimarães [inint.] votou [palavra riscada] contra Vosmecê[...]	[...]Recebi o convite que o “novo ruminante” como diz o “esculapio”, me mandou. Está de parabens pelos esforços dispendidos. A zebra do “Zé” não respondeu meu telegrama pelo dia 26 e nem passcu um para mim pelo dia 27 [...].
Pedido (<i>petitio</i>)	[...] Recomendamos a todos, lanse sua benção a meos manos [inint.] sempre.	Vocês devem fazer uma forçassinha e irem passar uns dias com eles em Dezembro, como você diz em sua carta.
Despedida/conclusão (<i>peroratio</i>)	Seo filho <i>muito</i> [amado]	Aqui termino enviando para todos vocês um apertadíssimo abraço, e para você um abraço especial do filho que sempre a quiz muito bem.
Assinatura (<i>scriptio</i>)	José Mariano	Breno

Quadro 1. Exemplificação do formato composicional das cartas analisadas¹⁰, tomando por base Costa (2012) e Pessoa (2002).

⁸ Os nomes do casal encontram-se abreviados na intenção de preservar sua identidade.

⁹ Idem.

¹⁰ O quadro foi construído pelas autoras do presente artigo e publicado em Costa, Silva e Gomes (2017).

Foi verificado, em algumas cartas, como nas de amigo do século XX, que não há correspondência ao formato acima, principalmente as que tinham como finalidade comunicativa falar de negócios ou realizar um convite, indo ao encontro do que defende Bakhtin (2003) de que os gêneros são tipos relativamente estáveis, ou seja, a forma e o conteúdo dos gêneros não são estáticos e definidos eternamente por se encontrarem inseridos em práticas sociais. Nesse sentido, observou-se que algumas cartas, por serem curtas, com o objetivo de construir mensagens rápidas, ou ainda, com uma finalidade muito específica, apresentaram instabilidade em sua organização retórica, como podemos visualizar no exemplo (3) em que não há uma preocupação com certos recursos retóricos da carta, como captar a benevolência ou envolver o destinatário, mas sim existe a preocupação em passar uma mensagem de forma rápida, enfocando no objetivo da carta, por assim dizer.

- (3) **Carta de amigo do século XX** (Carta GF 8, xx/xx/1958, de Severino Jordão Emerenciano para Gilberto Freyre):

Local e data: apenas apresenta o ano - 1958

Saudação (*salutatio*): Meu caro Prof. Gilberto Freire

Captação da benevolência (*captatio benevolentiae*): Não apresenta

Texto (*narratio*): [...] Conforme combinamos aí vão | algumas copias do seu magnifico prefácio | ao "Morão, Rosa e Pimenta" – bem como | os respectivos originais datilografados[...].

Pedido (*petitio*): [...] Gostaria |de, quando me mandasse o exemplar defini- | tivo para impressão, receber os originais | manuscritos para a exposição que será |feita no lançamento do volume [...].

Despedida/conclusão (*peroratio*): [...]Eu e Maria da Penha formulamos para vossa mercê | e toda a sua Família os melhores votos de Ano Novo. || Deus guarde vossa mercê[...].

Assinatura (*subscriptio*): [...] Jordão Emerenciano

No que diz respeito à tradicionalidade linguística, destacam-se algumas ocorrências que remetem às marcas de tradição discursiva, ou seja, marcas da natureza do texto, perceptíveis a partir do emprego dos pronomes. A depender do subgênero da carta pessoal, diferentes formas de dizer são utilizadas para evocar, no corpo da carta, situações de interação entre amigos, entre familiares e entre amantes. São elementos linguístico-discursivos cujo uso faz referência à tradição da abertura da carta (a saudação, o vocativo); referência à tradição de captação da benevolência; referência à tradição de despedir-se; e referência à tradição tratamental típica de cartas pessoais da amostra analisada, que consiste na variação entre o *tu* e o *ocê* pleno ou nulo.

a) Referência à tradição da abertura da carta

Na saudação das cartas de amigo, por exemplo, a solidariedade mostra-se presente a partir do vocativo: Meu caro Dr. Velloso (Carta JN 16, xx/xx/1905, de Joaquim Nabuco para Velloso); Arnaldo, meu grande amigo (Carta AG 1, 21/04/1922, de Caramurú para Arnaldo Guedes); Meu caro Paranhos (Carta JN 15, 14/03/1904, de Joaquim Nabuco para Paranhos); Meu caro Colega Dr. Galvão (Carta JN 14, 20/03/1903, de Joaquim Nabuco para Galvão). Essas saudações dão indícios do tipo de relação firmada pelos interlocutores. A recorrência do pronome possessivo de primeira pessoa "meu", juntamente com adjetivos como "caro" e "grande", além do nome do destinatário e da explicitude do termo "amigo" configuram-se como um modo tradicional de dizer na abertura das cartas de amigo.

Nas cartas de família, assim como nas cartas de amigo, o vocativo revela a relação de afetividade esperada em situações de interação familiar, entre pai/mãe e filho/filha e vice-versa. Termos como "querida mamãe", "filho querido" e "minha adorada mamãe" (Carta WO 1, 14/10/190, Carta WO 13, 23/11/1916, Carta WO 8, 03/02/1916, de Valdemar de Oliveira para Maria da Penha, respectivamente) são recorrentes nas missivas. Essas formas de dizer com função de vocativo apresentam uma forte carga de emocionalidade, recorrente e tradicional na abertura deste subgênero. "Minha querida filhinha Yayá" (Carta JM 4, 13/07/1900, de José Mariano para Yayá) apresenta um forte teor de afetividade, inclusive com o uso de um adjetivo qualificativo (*querida*) e do diminutivo (*filhinha*) na saudação, o mesmo se aplicando para "Meu querido Pai". Os traços emocionais e de afetividade são indicadores de proximidade comunicativa. Nos casos das cartas de amor, o possessivo de primeira pessoa também se faz presente com a peculiaridade, muitas vezes, do emprego de codinomes pertinentes à intimidade do casal, como ocorreu na carta de Arthur Orlando para a sua esposa: "Minha Babona" (Carta AO 17, 05/11/1908, de Arthur Orlando para Maria Fragoso Orlando da Silva).

Os traços emocionais e de afetividade presentes na saudação são fortemente marcados pelo recurso estilístico do uso de diminutivos nos vocativos das cartas de amor. Elas podem começar com “Queridinho Z” e também com o nome do destinatário com o diminutivo, “Aurorinha” (Nelson Ferreira, Carta 23/05/1925). Essas são amostras das formas tradições de dizer típicas da abertura dos três subgêneros da carta pessoal.

b) Referência à tradição de captação da benevolência

Quanto à captação da benevolência, destinada ao contato inicial com o interlocutor, o escrevente da carta de amigo (Carta GF 1), por apresentar um grau de intimidade mais elevado com o destinatário (primo), estabelecem uma relação pautada na afetividade registrada na captação de benevolência no início do texto:

- (4) Um abraço você como você como vai passando | nós aqui vamos tudo bem. (Carta GF 1, 07/08/1939, de Jarbas Pernambucano de Melo para Gilberto Freyre)

O missivista utiliza uma TD recorrente nas despedidas das cartas, porém a emprega no início do respectivo texto. No exemplo citado, a TD “Um abraço” introduz o ato comunicativo, faz parte da abertura do texto, com função pragmática de captar a benevolência do interlocutor, porém, quando situada no final da carta, encerra a comunicação, exercendo a função pragmática de uma despedida. O emprego do *você* nesse contexto do ano de 1939 revela um *você*, e demais formas do seu paradigma (como o pronome *sua*), marcado pela espontaneidade e pela proximidade, e não pelo tom cerimonioso da forma que lhe deu origem (*Vossa Mercê*).

A relação de proximidade respeitosa, nas cartas de família, é caracterizada, também, pelos pronomes empregados. O pronome *você*, na posição de sujeito, de acordo com estudos de Souza e Oliveira (2013) em cartas pessoais cariocas dos séculos XIX e XX, indica intimidade e, ao mesmo tempo respeito. É o caso do pronome *você*, como sujeito na correspondência de Breno Braga (Carta BB 1) à sua mãe (relação assimétrica ascendente). Na mesma carta, encontra-se o paradigma do pronome *tu* na posição de possessivo (*teu*), o que pode sinalizar uma mistura em diferentes contextos morfossintáticos em relação aos paradigmas de *tu-você*, revelando a variação da norma linguística da época, como também sinaliza uma forma tradicional de dizer, cujo emprego do possessivo do paradigma do *tu* desempenha uma função pragmática de mais proximidade para a construção da captação da benevolência:

- (5) Abençoe este **teu** filho que muito a quer bem. || Recebi **sua** carta e a do China do dia 8 juntamente com | os jornais os quais muito agradeço. || Fiquei mais tranquilo por saber que **voce** já sarou. (Carta BB 1, 12/12/1941, de Breno Braga para sua mãe)

Esse tipo de mistura também ocorre nas cartas de amor. A espontaneidade e a intimidade ficam expressas na captação da benevolência também pelo emprego alternado dos paradigmas do *tu* e do *você* como sujeito e também em outros contextos morfossintáticos. É o caso da mistura entre o possessivo **sua** (paradigma do *você*) e do clítico **te** (paradigma do *tu*) na carta de N. para seu noivo:

- (6) Querido Z. paz do Senhor|| Me sinto feliz no momento que pego na penapara responder a **sua** cartinhaCom o coração transpacado de saudadesque Hoje pego na minha rude pena para enviar-**te** estas linhase dar-**te** minha noticias. (Carta 6 NJ, 02/09/1949, de N. para J.)

Embora essa carta tenha sido escrita por uma escrevente de pouca escolaridade, identificou-se que a estrutura do gênero de acordo com cada propósito pragmático foi mantida, mostrando que as tradições perpassam o discurso independente do nível de escolaridade. De tal maneira, essa TD foi utilizada aqui não apenas como um simples enunciado, mas como uma ação linguística que relaciona o texto com uma situação real, e que também relaciona esse mesmo texto com outros da mesma tradição (KABATEK, 2006), no caso, com as outras cartas que compartilham da mesma TD de abertura.

c) Referência à tradição de despedir-se

Considerando a composicionalidade de cada subgênero específico da carta pessoal, a despedida faz-se de modo bastante diversificado, contudo, há traços de semelhança nas expressões. Nas cartas de amigo, a depender do tipo de relação entre os escreventes, há o emprego de modos mais formais usados na despedida, como:

“Muitas lembranças affectuosas. | Recomendações a D. Flora, a sua | irmã e ao Beltrão | Do **seu** sempre o mesmo || Joaquim Nabuco” (Carta JN 17, 27/04/1909, de Joaquim Nabuco para Lima); como há despedidas que revelam mais proximidade entre os escreventes, como na carta de Joaquim Nabuco ao amigo Adolpho: “Abrace por mim todos os nossos bons amigos e nunca se esqueça de que [tem] em mim um amigo firme e dedicado. **Seo** do Coração” (Carta JN 7, 12/12/1882, de Joaquim Nabuco para Adolfo).

Nesses espaços de fechamento da carta, a presença dos substantivos “abraços, beijos, saudades, lembranças e coração” evoca uma forma de se despedir que é recorrente. São expressões que já estão consolidadas na tradição discursiva de despedidas que marcam esse tipo de relação afetiva. O pronome **seu** em destaque assinala que, nesse espaço da carta, a variação entre os possessivos dos paradigmas do *tu* e *você* em expressões formulaicas de fechamento que denotam um pertencimento afetivo e saudoso é bastante recorrente tanto nas cartas de amigo como nas de família e de amor:

- (7) Receba | muitas saudades [inint.] [inint.] a braço de **Sua mãe** Lembranças” (1896). (Carta AO 8, 22/06/1896, de Izabel Maria Fragoso para Maria Fragoso Orlando da Silva)
- (8) Adeus *minha* filhinha. Não | deixa de mandar-me sem-| pre notícias de Olegario. | Aceitem a *minha* benção || **Teu pae do coração** || J. Mariano (1900) (Carta JM 4, 13/07/1900, de José Mariano para Yayá)
- (9) Recomendamos a todos, lanse sua | benção a meos manos [inint.] sempre. || **Seo filho muito amado** || José Mariano (1869) (Carta JM 1, 27/04/1869, de José Mariano para Mariano Xavier Carneiro da Cunha)
- (10) Por hoje, fico aqui Saudades á todos emgeral. Abraços e beijos o **teo** filho do coração Mario Sette (1906). (Carta MS 2, 13/01/1906, de Mário Sette para sua mãe)
- (11) Vou terminar | para não ti enfadar. || Nada mais quem tanto te ama || **Tua fiel noiva**. || (1950). (Carta 18 – NJ, 08/05/1950, de N. para J.)
- (12) **Não se esqueça** de mandar-me os meus Novos Ensaio. [...] Venha Babona. De **teu** velho babão. (1908) (Carta AO 17, 05/11/1908, de Arthur Orlando para Maria Fragoso Orlando da Silva)

No corpo das cartas pessoais analisadas, a tradição tratamental típica consiste na variação entre o *tu* e o *você* realizado e não-realizado foneticamente. O que a gramática tradicional postula com relação à “uniformidade de tratamento” entre os pronomes na posição de sujeito e seus correspondentes nas demais posições morfosintáticas nem sempre se aplica aos subsistemas de tratamento em uso no português brasileiro. Na amostra analisada, por exemplo, a combinação entre as formas do paradigma de *tu* com as formas do paradigma de *você* não segue a prescrição gramatical de uniformidade das formas de tratamento em uso na composição do texto, motivada pela intimidade da relação entre os missivistas. Esse movimento da língua evidencia-se uma vez que, mesmo os escreventes com alto grau de escolaridade e de experiência com a prática escrita da maioria dos missivistas, fez valer a predominância da simetria das formas tratamentais, mas não impediu que a combinação das formas dos dois paradigmas se fizesse presente em alguns contextos, como o fez Arthur Orlando, escrevendo para a sua esposa, e como defende Monteiro Lobato na epígrafe deste artigo.

Acredita-se, portanto, que a carta pessoal é um dos gêneros mais significativos para a história das línguas, pois, através desse gênero textual, pode-se estudar as variações e as mudanças da língua. Nessa perspectiva, o enfoque desta análise é a variação linguística das formas variáveis *tu* e *você* e, em certo sentido, a transformação social, pois, a partir da reorganização da sociedade, evocam-se usos e tradições no discurso, que são atualizados, constituindo a historicidade do texto e da língua (PESSOA, 2002; SOTO, 2007).

2. O caráter mutável da língua: enfocando a variação *tu* ~ *você* na posição sujeito

O processo de mudança por ser gradual, paulatino e diacrônico demonstra que, na medida em que o homem interage em seu contexto histórico-social, sua visão e ação sobre o mundo se modificam e a língua(gem), portanto, também acompanha essa transformação. O caráter mutável das línguas naturais faz com que elas

apresentem variações no uso. Assim, enquanto compreende-se a mudança linguística como um fenômeno diacrônico, tem-se, em contrapartida, a variação em que se percebe o caráter adaptativo da língua e os possíveis fatores motivadores da mudança (FARACO, 2006). É nesse domínio que a Sociolinguística, segundo Labov (1972 [2008]), busca estudar a língua em uso, nas comunidades de fala, correlacionando os aspectos linguísticos e sociais, considerando o uso concreto da língua em sua dinamicidade e heterogeneidade dentro do contexto de interação.

É relevante salientar que esse processo não é totalmente regular, assim afirma Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006]) devido, sobretudo, às vicissitudes sociais e históricas das comunidades de fala, como: a reação negativa ao uso da variável provocada pela estigmatização; a penetração de diferentes linhas evolutivas e empréstimos lexicais de outras línguas. Essa parcial regularidade evidencia que os processos de mudança e variação não são aleatórios e, portanto, além da estabilidade, há a generalidade, pois atinge o mesmo elemento de forma sistemática em condições específicas em todas as ocorrências (como se pode observar no processo de gramaticalização do *Vossa Mercê > Você*). Logo, as mudanças se constituirão através da variação que é estruturada.

Sendo assim, Labov (1972 [2008]) considera que o fenômeno da mudança existe ao lado do aspecto da variação no uso de uma mesma língua, e esse fenômeno pode ser percebido em diferentes regiões, seja no nível da pronúncia, do léxico ou da sintaxe. Isso gera infinitas discussões sobre as restrições de combinações prescritas pela gramática normativa, que, ao eleger o contexto pragmático de alta formalidade e um falar de pessoas com alto grau de escolaridade, acaba excluindo a discussão acerca das mudanças e variações que a língua sofre. Prova disso é a forma tratamental *Você*, que ainda hoje é nomeada gramaticalmente de pronome de tratamento (HAUY, 2015), entretanto, com pesquisas sobre a mudança do quadro pronominal do PB, percebe-se que a forma *Você* passa a ocupar o lugar sintático de *Tu*, além de adquirir o valor semântico de uso na intimidade (RUMEU, 2013; LOPES, 2011).

Estudos diacrônicos sobre o português brasileiro (PB) revelam um processo de reorganização do sistema pronominal, tendo em vista a inclusão dos pronomes *você* e *a gente* que levam o verbo para a terceira pessoa do singular: o primeiro co-ocorrendo com *tu* (*você/ tu come*) que, em geral, tem perdido seu traço gramatical (2ª p. s.) em algumas regiões do Brasil (LOPES; CAVALCANTE, 2011) e o segundo, com *nós* (*a gente/ nós come(mos)*). Ao contrário do português europeu, essas autoras ainda observam que, a partir do século XIX, *tu* e *você* eram usados no PB para “relações solidárias mais íntimas”. Em se tratando do pronome *vós*, foi substituído pelo pronome *vocês* nesse sistema (DUARTE, 2000).

Ao considerarmos, nesse sentido, que o *Você* advém de um processo de gramaticalização, estudos evidenciam resultados como a tendência dessa forma de tratamento ocupar a posição de sujeito (*Tu vai* – paradigma de *Você* – em lugar de \emptyset *Vais/Vai*). Isso demonstra, para alguns estudiosos, como Duarte (1995), que possivelmente o PB está em processo de tornar-se uma língua em que sujeitos nulos não sejam mais produzidos, à semelhança da língua inglesa, tendo em vista o processo de mudança por que tem passado seu paradigma pronominal e de flexão verbal que tem se enfraquecido. Segundo Duarte (2000¹¹, p. 19), o paradigma dessa língua passou de seis formas distintas no século XIX (paradigma 1) para quatro formas na primeira metade do século XX (paradigma 2) e, por fim, para três formas na segunda metade desse século (paradigma 3):

Pessoa/Número	Pronomes	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1.p.sg	Eu	Amo	Amo	amo
2.p.sg.	Tu ¹² Você	am a s am a	- am a	- am a
3.p.sg.	Ele/Ela	am a	am a	am a
1.p.pl.	Nós A gente	am a mos -	am a mos am a	- am a
2.p.pl.	Vós Vocês	am a is am a m	- am a m	- am a m
3.p.pl	Eles/ Elas	am a m	am a m	am a m

Quadro 2. Paradigmas pronominal e flexional do PB, adaptado de Duarte (2000, p. 19).

¹¹ Os dados que compõem o *corpus* diacrônico de Duarte (2000) foram extraídos de peças teatrais.

¹² Vale referir que o uso do *Tu* com concordância ainda é possível ser verificado em algumas cidades brasileiras como São Luís-MA, Belém-PA e Florianópolis-SC (SCHERRE *et al.*, 2009).

De acordo com Faraco (2006), a mudança e a variação linguísticas estão envolvidas em um complexo “jogo” de vicissitudes sociais que podem impedir, delongar ou, ainda, acelerar o processo expansivo de mutabilidade de uma variedade para outra. Embora a mudança e a variação tenham características próprias, não se deve compreendê-las como fenômenos dicotômicos. A língua, ao mesmo tempo, em que é social é também dinâmica (LABOV, 1972 [2008]). Nessa perspectiva, através da análise das cartas pessoais selecionadas para esta análise, procurou-se observar o uso dos pronomes *Tu* e *Você* na posição sujeito ao longo dos séculos investigados como sujeito pleno e como sujeito nulo, tendo em mente, por exemplo, o processo de mudança no que se refere ao preenchimento da posição sujeito (DUARTE, 1995, 2000). Uma das hipóteses deste estudo é que seja esperado encontrar mais sujeitos plenos com essas formas no século XX do que no século XIX.

Conforme já enunciado, optamos pelo viés metodológico quantitativo de análise laboviana para a realização da discussão sobre os dados das formas tratamentais *Tu* e *Você* na posição de sujeito e, para tanto, o programa computacional *GOLDFVARBX*¹³ foi utilizado para a obtenção dos resultados quantitativos no que se refere ao controle da variável dependente. Os dados que compõem o *corpus* deste estudo foram selecionados de 189 cartas pernambucanas compreendidas entre o período de 1860 a 1989. Sobre a distribuição dos dados nos três subgêneros da carta pessoal, vejamos o seguinte gráfico:

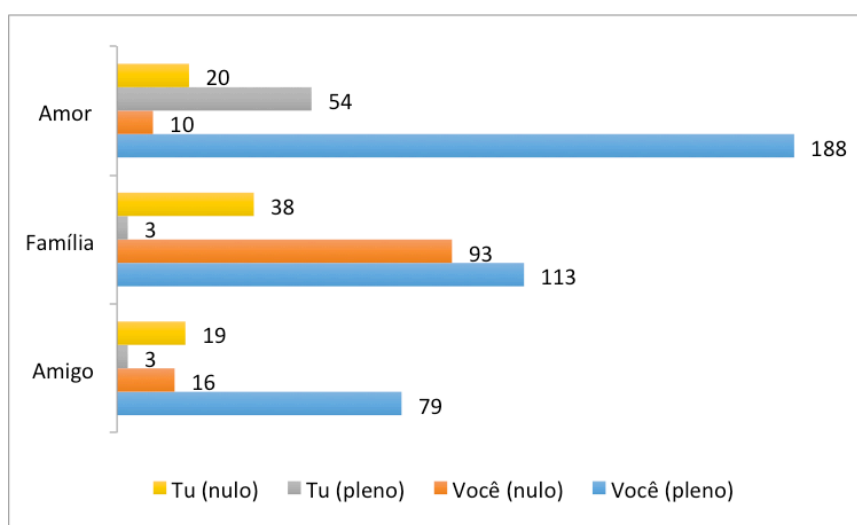


Gráfico 1. Total geral de ocorrências de sujeitos plenos e nulos dos pronomes *Tu* e *Você* em cartas pessoais de pernambucanos.

Em geral, os resultados revelaram que, dentre as 189 cartas do *corpus*, a forma tratamental *Você* apareceu majoritariamente nos três subgêneros da carta pessoal, sobretudo, nas cartas de família e amor. É provável que isso tenha ocorrido devido aos diferentes papéis sociais: simétricos, na relação entre amigos, e, assimétricos, nas relações entre familiares. Sobre a referida questão, Brown & Gilman (1960) discutem que existem relações de Poder, isto é, hierarquização nas relações (assimétricas), e nestas elegem-se certas formas de tratamento “não-recíprocas” na comunicação estabelecida entre os interlocutores. A partir disso, observamos que o *Você*, nos três subgêneros, sobretudo, nas cartas de família e de amor, ao mesmo tempo que conserva a característica cerimoniosa de outrora atribuída ao uso do pronome de tratamento *Vossa Mercê*, possui o caráter inovador ocupando o lugar de intimidade como nas relações simétrico-solidárias, ou seja, de amor. Rumeu (2004, p. 126), ao pesquisar o *Você* nas cartas oitocentistas e novecentistas, verifica que:

[...] o *Você* apresenta-se, pois, como uma *forma pronominal de tratamento*, deixando entrever, traços sintáticos que o aproximam tanto da forma nominal de tratamento “*Vossa Mercê*” (a expressão plena do sujeito e a co-referencialidade com terceira pessoa gramatical), como da forma pronominal pessoal “*Você*” (o exercício da função sintática de sujeito e a posição de sujeito (pré-verbal)).

¹³ Para uma análise pormenorizada sobre este conjunto de programas necessários para a rodada e análise dos dados quantitativos, seguindo a metodologia quantitativa laboviana, ver Santos e Vitória (2011).

Essa inovao, ao observarmos os dados das cartas de amor, pode ser verificada, por exemplo, na concorrência entre as duas formas tratamentais, *Tu* – 20 ocorrências de sujeito nulo e 54 de sujeito pleno – e o *Você* – 188 de sujeito pleno e 10 ocorrências de sujeito nulo. Nesse sentido, a majoritária forma *Você*, nas cartas de amor, apresenta discursivamente caráter íntimo, simétrico das relaoes. Percebemos ainda que a forma *Tu* é mais produtiva nas escolhas linguísticas dos escreventes simétrico-solidários (somando-se 74 ocorrências). Isso revela o aspecto linguístico conservador de pronome de segunda pessoa (*Tu*), herdado do latim, na funo nominativa (sujeito) para ser empregado na intimidade, ao lado do *Vs*, respeitoso e cerimonioso.

Ademais, essa inovao fica mais nítida ao observar os dados das cartas de amor em que se verifica a concorrência entre as duas formas tratamentais, *Tu* (137 – aproximadamente 21,54% dos dados) e o *Você* (499 – aproximadamente 78,46% dos dados). Nesse sentido, a forma *Você* adquire nas cartas de amor (188 ocorrências de *Você* como pronome pleno) o caráter íntimo, simétrico. Tomando por base agora que a posio sujeito pode ser por pronomes plenos e nulos, observemos como as formas *Tu* e *Você* apresentam-se nos dados selecionados das cartas:

REALIZAO DO SUJEITO	VOCÊ			TU			TOTAL GERAL
	2ª metade do séc. XIX	1ª metade do séc. XX	2ª metade do séc. XX	2ª metade do séc. XIX	1ª metade do séc. XX	2ª metade do séc. XX	
Sujeito nulo	18/62 (29,03%)	97/377 (25,73%)	4/60 (6,67%)	46/49 (93,88%)	29/63 (46,03%)	2/25 (8,00%)	196/636 (30,8%)
Sujeito pleno	44/62 (70,97%)	280/377 (74,27%)	56/60 (93,33%)	3/49 (6,12%)	34/63 (53,97%)	23/25 (92,00%)	440/636 (69,18%)

Quadro 3. Realizao das formas *Tu* e *Você* na posio de sujeito nas cartas pessoais.

No quadro 3, encontram-se as quantificaoes das ocorrências de nulo e pleno de *Tu* e *Você* e, com isso, percebe-se que o pronome *Você* realizado como pronome pleno na posio de sujeito foi mais produtivo na primeira metade do século XX: 280 (74,27%) de um total geral de 440 dados. Isso demonstrou a produtividade do uso da forma tratamental *Você* interligando-se diretamente à tendência em PB pelo preenchimento da posio sujeito por pronomes plenos, conforme verificado em Duarte (2000):

- (13) [...] Se nenhum lucro teve (e qual o que| poderia esperar ter?) ganhou **você** talvez mui-|to em conhecer mais um pouco o homem | sabio dos naturalistas, cuja podridão d'al-|ma não tem limites de profundida, cuja| [fol. 1r] miseria de character é infinita e <↑em> cujos al-|tos e baixos dominios mentes reinam| mais demonios que deuzes. Pouca subli-|midade de sentimentos humanos viu| **você** em torno de você mesmo, durante esses| quatro anos em que a maioria suppu-|nha que **você** governava tudo, até mesmo| a insensatez e a imbecilidade alheias!| De toda parte e de toda maneira quize-|ram auferir lucro e ventura da parcella| de poder que viam com inveja (eterna| estultícia humana!) nas mãos pobres| de vocês, e todos que assim procederam e| tentaram proceder não tinham medida| de escrupulo a que não excedesse de muito| á do seu proprio interesse delles e ambi-|o. Em termos de **você** não ter podido, ás| vezes, distinguir o amigo do que não| era. E soffreu**você**! Mas, o soffri-|mento [acrysol], redime, aperfeiçoa... || Se outro renome não cabe a voco fim| tão desejado dessa caminhada áspere e| fatigante, merece bem **você**, e com justiça, os de paciente e resignado que, durante| quatro cumpridos e enfatiados anos [...] (Carta de amigo MB 2,18/12/1919, de Aurélio Domingues para Manoel Borba)

Quanto ao pronome *Tu* foi mais produtivo como sujeito nulo na primeira metade do século XIX, obteve-se 46 (93,88%) ocorrências na posio sujeito. Mesmo o *Tu* revelando sua maior produtividade na posio de sujeito nulo na primeira metade do século XIX, o *Você* supera em ocorrências nessa posio na primeira metade do século XX, em uma equivalência de 97 (25,33%) ocorrências dos dados totais. Evidências no *corpus* mostram que esse resultado decorre do fato de que, quando *Você* não é realizado na posio sujeito, é porque essa forma geralmente é plena ou realizada com o clítico em uma estrutura oracional anterior em diferentes posioes sintticas, tal como observado por Rumeu (2004; 2013). Vejamos os exemplos:

- (14) [...] Depois disto ja **lhe** mandei outros jornaes e | cartas pelo Netto Campello e também reistra- | da uma Provincia que traz o manifesto | do José Marianno. **ØTinha** recebido tudo? [...] Ellesquierem, principalmente o primeiro *que* eu | [fol. 2r] possa indicar os nomes dos amigos a **você**. | Como **Øsabe** há muitos conservadores que de nós | se têm afastados pois se acham convictos de *que* | o Lucena desligou-se do partido [...] (Carta de amigo AO 3, 08/07/1894, de João Gonçalves para Arthur Orlando).
- (15) [...] Amanhã vou postar tres revistas para **vocês**. || **ØGuardou** a foto deCaruarú? Não se esqueça [...] (Carta de família MS 4, 23/11/1933, de Mário Sette para o filho Hoel).

De igual modo, encontrou-se nas cartas o que afirma Duarte (1995) sobre o *Você* já ocupar a posição de pronome de segunda pessoa do discurso – sujeito de referência determinada, identificado a partir do vocativo, por exemplo:

- (16) Mercês || Recebi hontem sua segunda carta | na qual **Ø** me dis que **Ø** não tiveraahi | noticias minhas. || Eu já escrevi a você a Carli- | to Lyra escrevi a você a Rita e a outros d'a | hi [...] (Carta de família MB 8, 1/08/1925, de Manoel Borba para a filha Mercês).

É substancialmente importante destacar que a realização do *Você* coocorrendo com o *Tu* não se configurou como um uso de prestígio ou estigmatizado. Por isso, não se pode dizer que a forma *Você* é a variante não-padrão de *Tu*, pois não há uma estigmatização desse uso, mas se trata de uma forma inovadora que passa a coocorrer com este último. O que os dados relevam nas cartas dos escreventes menos escolarizados são formas estigmatizadas socialmente, porém muito produtivas na fala espontânea tanto de pessoas de baixo grau de letramento quanto de alto grau, como o *Tu* com concordância com paradigmas de terceira pessoa: “*Tu* vem” (cf. exemplo 21 mais adiante). No *corpus* analisado, encontra-se o exemplo de J., que tem o ensino fundamental incompleto, escrevendo para a noiva N. Esse não foi um fator controlado, mas revela o enfraquecimento da flexão verbal, comentado anteriormente:

- (17) [...] também saber das tuas boas noticias que estais bem di saúde graça au nosso bom | Deus minha querida espero do jeito que **tu** mi **escrevesse** cumpra o teu dever de fidelidade e sempre **Ø** sejas firme a mim e esperando em Deus[...] (Carta de amor JN 8, 19/08/1949, de J. para a noiva N.).

De maneira geral, constata-se, na presente análise do quadro 2, que, enquanto na 1ª metade do século XX o *Você* como pronome pleno aumenta consideravelmente, totalizando em 280 ocorrências (74,27%), a forma *Tu* pleno (34 – 53,97%) vai proporcionalmente diminuindo na mesma época. O *Tu* como pronome nulo teve maior frequência na segunda metade do XIX (46 ocorrências, 93,88% dos dados de *Tu* não realizado) e na primeira metade do século XX (29 ocorrências, 46,03% dos dados de *Tu* não realizado). Dessa forma, observa-se que, nestes dados, o *Tu* não realizado, antes majoritário, vai perdendo espaço no uso no decorrer da primeira metade do século XX e, progressivamente, o uso de *Você* realizado é mais produtivo na escrita de missivistas na primeira metade do século XX.

Na análise da variação do *Tu~Você* na posição de sujeito, foram controlados os fatores que possibilitam o uso exclusivo de um ou outro pronome ou, ainda, a variação deles na posição nominativa (sujeito) na mesma missiva¹⁴. Portanto, utilizamos as denominações: a) **Você-exclusivo**, para os casos em que as cartas continham apenas o emprego de *Você* (cf. (18)); b) **Tu-exclusivo**, às ocorrências em que o interlocutor empregava somente esse pronome na carta (cf. (19)), e c) **Tu~Você**, quando na mesma correspondência, as duas formas são utilizadas (cf. (20)):

¹⁴ Por considerar o uso exclusivo de *Tu* ou *Você*, ou ainda, a mistura dessas duas formas, na análise que segue, no quadro 3, a título de metodologia, foram excluídas 24 ocorrências de *Você* em que, para além da quantificação dessa forma tratamental, encontra-se o uso de outras formas nominais (como *Vossa Mercê* e *Senhor(a)*) em uma mesma missiva e, portanto, embora quantificadas no quadro 2, a forma *Você*, nesse caso, não foi considerada em mistura (por não ser com a forma *Tu*) e também não pode ser considerada exclusiva, pois está em mistura com outras formas nominais não destacadas nesta análise. Por esse motivo, há uma diferença do total do Quadro 2, 636 ocorrências, em comparação ao Quadro 3, 612 ocorrências.

- (18) [...] Mando a você meus parabens pelo dia de| hoje, cuja data ha de sempre recordar a| do dia feliz em que **você poudé**, com honra| e desassombro, desencarregar-se, enfim, de| governar o estado.|| Se outro conhecimento ou experiencia| não trouxe **você** dessa longa viagem de quatro an-|nos – que parecem terem sido bem longos! [...] (Carta de amigo MB 2, 18/12/1919, de Aurélio Domingues para Manoel Borba).
- (19) [...]semelhante ao que **tu tens**| sem lesão e curavel com exercicios| continuados com o olho doente.|| Antes de estar com o *Doutor* [Pache] eu| me avistei com João Rangel que| perguntou por ti e pelo mal do olho| e ficou admirado de não tehave-|rem receitado um tratamento [inint.][fo. 2r] mas positivo do que o iodu-|reto de sodio que **Øestas** usando (Carta de família MB 15, 16/12/1926, de Manoel Borba para a filha Ignes).
- (20) [...] Fiquei satisfeito ao saber que **você gostou** da conducta que tive, | queira Deus que assim sempre aconteça. Pelo proximo correio ou se | **Øtiver** tempo ainda por este mandar-lhe-ei um pedaço da “Tarde” | que trata sobre serviço militar. Diz mais ou menos que as classes cha- | madas este anno para o sorteio serão as 1895 e 1896, outrossim, | ainda diz que o ministro da guerra concordou que nós academicos, fazendo tantos exercicios e depois exame poderemos tirar a tão deseja carteira de reservista. Mas ... se todos os academicos que não forem | [fol.1 v] ao Rio estão suspensos dos exercicios? Não sei como é; então o que | houver de novo sobre este assumpto mandar-lhe-hei dizer. || Na segunda carta me **Ødizes** que já devo ter recebido o dinhei-| ro e que me devo matricular logo etc [...] (Carta de família WO 18, 06/08/1917, Valdemar de Oliveira para sua mãe, D. Maria da Penha).

No quadro 4, observe-se a distribuição das formas *Tu* e *Você* na posição sujeito, tendo em mente o sujeito pleno e o sujeito nulo, a partir dos fatores supramencionados:

FORMAS DE TRATAMENTO NA POSIÇÃO SUJEITO	REALIZAÇÃO DO SUJEITO		
	Sujeito pleno	Sujeito nulo	Total
Você-exclusivo	280/373 (45,75%)	93/373 (15,20%)	373/612 (60,95%)
Tu-exclusivo	14/58 (2,28%)	44/58 (7,19%)	58/612 (9,47%)
Tu~Você	138/181 (22,55%)	43/181 (7,03%)	181/612 (29,58%)
TOTAL GERAL	432/612 (70,58%)	180/612 (29,42%)	612 (100%)

Quadro 4. Distribuição dos pronomes *Tu* e *Você* na posição de sujeito.

A realização concreta de **Você-exclusivo** ocorreu 280 (45,75%) quando era pleno e 93 (15,20%) quando era nulo.

As cartas em que apareceram o **Tu-exclusivo** correspondem a 14 (2,28%) de ocorrências como pronome pleno e 44 (7,19%) como pronome nulo. Ademais, percebeu-se uma predominância – na análise das cartas de interlocutores de relação assimétrica descendente (pai-filho, mãe-filho) diferente das cartas escritas por missivistas de relação simétrica (irmão, primo, amigos) e simétrica-solidária (casal) –, na frequência de sujeito nulo nas cartas em que havia a hierarquia de superior para o inferior, ou seja, de pai para filho.

Na composição das cartas em que houve a variação *Tu~Você* na posição de sujeito, contabilizaram-se, no geral, 138 (22,55%) dados de sujeito realizado sujeito pleno e 43 (7,03%) de sujeito nulo. Tal como já enunciado, o sujeito nulo destacou-se, sobretudo, em missivas datadas até começo do século XX. Sendo assim, pode-se dizer que o declínio do pronome *Tu* com morfologia de segunda pessoa (-s) (ex: *tú vem* (cf. (21))) dentro de um processo histórico motivou a grande frequência de sua realização fonética e de sua alternância com a forma *Você*:

- (21) [...] o Que **você mandadizer-me em tua** | cartinha eu poderia considerar-me | Feliz mais creio que estas palavras | saem de um coração sincero e não fin- | gido não e assim? Fiquei muito alegre em | saber que **tú vempassar** são João comigo | manda-me dizer o dia porque se for po- | ssível eu vou te esperar (se for possível | eu vou **te** esperar) Z. **tú pedes**, que | eu ore por ti olhar eu nunca me esqueço de entregar-te ao senhor para ele te gu- | jardá e também nos abençoar que possa | fazer tudo para honrá e gloria do teu | <vire> [fol. 1v] | santo nome de Jesús. Vou terminar | Minhas palavras também pedindo | Que lembra-te de min nas tuas Orações | para Jesús me fazer cada dia mais | fiel. sim Z eu mandei está | ca[r]ta por Né porque **vôçe recebemais** | depreça e é mais defise de se estraviar | ouviu? [...] (Carta de amor NJ 1, 21 de maio de 1949, de N. para J.).

O exemplo (21) evidencia o contexto de variação *Tu~Você* muito produtivo em cartas da segunda metade do século XX. Embora neste exemplo a carta tenha sido escrita por uma mulher com pouco letramento, na maioria das vezes, foram escritas por homens jovens e adultos pouco letrados e, principalmente, em missivas de escreventes em relação de simetria (como nas cartas de amor), buscando estabelecer uma maior proximidade comunicativa. Destaca-se na carta (21) também o emprego do possessivo do paradigma de 2ª pessoa na missiva em variação *Tu~Você*. Sobre isso, Gomes (2014) e Rumeu (2013) ressaltam que a escolha dos possessivos de segunda pessoa pragmaticamente aponta para uma maior intimidade das relações. Nesse caso, o possessivo “tua”, por guardar o lugar de intimidade de *Tu*, demonstra o aspecto inovador de *Você* discursivamente enquanto pronome-sujeito, contrariando a gramática normativa em que ainda o classifica como pronome de tratamento. Através das cartas pessoais, portanto, podemos (re)constituir a história da forma tratamental *Você* no uso em tempo real, afinal, “[l]íngua de cartas é língua em mangas de camisa e pé-no-chão – como a falada [...]”¹⁵.

Considerações finais

As cartas pessoais enquanto gênero “relativamente estável” (BAKHTIN, 2003) guardam em sua composição escolhas linguísticas e estruturais tradicionais que remontam e constituem uma memória sociocultural, pois, através da historicidade do texto e da língua, pode ser conhecida a história de uma sociedade. Assim como as línguas, os gêneros também se transformam, não se deixando de evocar, é claro, as Tradições Discursivas. A escolha, de um *Você* de caráter mais conservador, é realizada por escreventes com alto grau de escolaridade, em sua maioria, homens adultos, principalmente, em missivas da década de 1860 e 1950.

Ademais, constatou-se nesta análise o que Rumeu (2004; 2008) afirma sobre a implementação do *Você* em cartas oitocentistas e novecentistas. A análise dos dados de sujeitos plenos e nulos entre os séculos XIX e XX mostrou que (a) o *Você* na posição sujeito ocorre em situação de intimidade no uso; (b) a partir da variação *Tu~Você* nas missivas de 1860 a 1989, pode-se perceber uma reconfiguração do sistema pronominal brasileiro cujo processo diacrônico advém de contínuas e paulatinas pressões sociais discursivo-pragmáticas; (c) diante do desgaste semântico (FARACO, 2006) no uso, a forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* perdeu o originário significado cerimonioso, respeitoso, dando espaço à forma *Você* que se gramaticalizou no PB e hoje não é mais entendida como forma de tratamento, mas como pronome nominativo ao lado do pronome *Tu*, sendo empregado portanto, como “legítimo pronome de referência determinada à segunda pessoa” (RUMEU, 2013, p. 278), e (d) o enfraquecimento da morfologia de flexão verbal de segunda pessoa (ex.: *Tu vai*) no século XX favoreceu uma alta produção de pronomes plenos na posição sujeito, a exemplo do pronome *Você*, o que não se verifica com tanta frequência no século XIX, indo ao encontro da pesquisa de Duarte (1995; 2000).

Em linhas gerais, espera-se, a partir das cartas de escreventes pernambucanos, ter contribuído para a ampliação do mapeamento da variação pronominal do PB na posição sujeito sob a perspectiva da historicidade da língua e do texto.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros discursivos. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

¹⁵ Ver referência na nota de rodapé da epígrafe.

- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, Thomas Albert (Ed.). *Style in Language*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, 1960. p. 253-276.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- COSTA, Alessandra Castilho da. Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice (Org.). *História do português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2012.
- COSTA, Elizabetht Christina Cavalcante da; SILVA, Cláudia Roberta Tavares; GOMES, Valéria Severina. Marcas de oralidade na carta pessoal: apontando traços de tradição no discurso. In: IV Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais (SINALGE). Anais (on-line). Campina Grande: *Realize Editora*, V.1, 2017. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/sinalge/anais.php>>. Acesso em: 05 out. 2017.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio "Evite pronome" no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- _____. The loss of the 'avoid pronoun' principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (Eds.). *Brazilian Portuguese and the nul lsubject parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 17-36,
- _____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, FAPERJ, 2003. p. 115-128.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- GOMES, Valéria Severina. *Tradições discursivas, variação e mudança no sistema pronominal de tratamento do português brasileiro em cartas pessoais pernambucanas (séculos XIX e XX)*. Relatório de atividades acadêmicas do Estágio Pós-Doutoral em Letras Vernáculas, apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Nov., 2014. 52 p.
- HAUY, Amini Boainain. *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*. São Paulo: Edusp, 2015.
- KABATEK, Johannes. *Os falantes como linguístas: tradición, innovación e interferências no galego actual*. Edicionsxerais de Galicia, 1996.
- _____. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. In: CIAPUSCIO, Guiomar; KONSTANZE, Jungbluth; KAISER, Dorothee.; LOPES, Célia Regina dos Santos (Eds.). *Sincronía y Diacronía de Tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Frankfurt a.m.: Vervuert, 2006.
- KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoría del Language. In: _____. *Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano*. Madrid; Editorial Gredos. 2006. p. 20-42.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 1972 [2008].
- LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. *Tradições Discursivas: conceito, história e aquisição*. São Paulo: Cortez, 2014.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. Retratos da variação entre você e tu no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português Brasileiro II – contato linguístico, heterogeneidade e história*. v. 2. Niterói: EDUFF, 2008. p. 55-71
- _____. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): Tradição Discursiva e Sociopragmática. *Revista de Estudos da Linguagem (RELIN)*, v. 24, n. 1, p. 157-189. 2016.
- _____. Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. *Alfa*, V. 55, n. 2, p. 361-392, 2011.
- _____.; CAVALCANTE, Silva Regina Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Linguística*, v.25, p.30 – 65, 2011.
- _____.; RUMEU, Maria Cristina de Brito; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. A configuração diatópica-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. *Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*, v.15, n. 1/2, p. 187-212, 2013.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- PESSOA, Marlos de Barros. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia.; CALLOU, Dináh (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS FAPERJ, 2002. p. 198-205.

- RUMEU, Maria Cristina de Brito. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- _____. *A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. 2008. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- _____. *Língua e sociedade: a história do pronome "Você" no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.
- SANTOS, Renata Livia de Araújo; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Uma rodada no Goldvarb X. In: COSTA, Januacele Francisca da; SANTOS, Renata Livia de Araújo Santos; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório (Orgs.). *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. Maceió: Edufal, 2011.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira *et al.* Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro, Comunicação apresentada no *II Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa (SIMELP)*, Universidade de Évora, 2009.
- SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. *História do falar e história da linguística*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- SOTO, Ucy. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Ed. da UFF, 2007.
- SOUZA, Janaina Pereira Fernandes de. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].